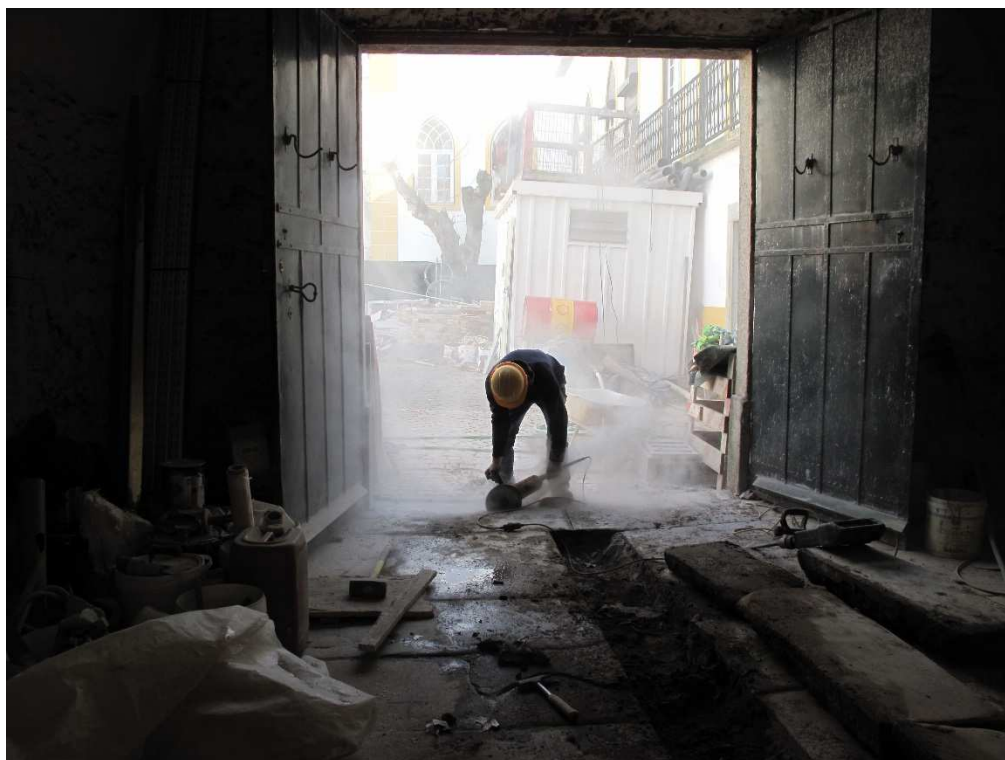


SCIENTIA ANTIQUITATIS



SALVAGUARDA ARQUEOLÓGICA
ARCHAEOLOGICAL SAFEGUARD

Título: SCIENTIA ANTIQUITATIS

Editores: Leonor Rocha/ Gertrudes Branco/ Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: Junho de 2019

Volume: 1/ 2019

Capa: Trabalhos de salvaguarda no Palácio do Vimioso

(Foto: Leonor Rocha)

Director: Leonor Rocha

ISSN: 2184-1160

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ Irocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

ÍNDICE

O IV.º CIAT e o estado da Salvaguarda Arqueológica em Portugal Leonor Rocha e Gertrudes Branco	5
Arqueologia Pública e a gestão do património arqueológico no contexto da construção de uma barragem: O caso da construção da barragem de Belo Monte (Brasil) Maria Clara Costa	25
Melhor conhecer é melhor proteger. Os contributos do projeto ARQUEOSIA Filipa Neto e Catarina Costeira	57
Estratégias para a gestão da salvaguarda arqueológica: as cartas de risco do património arqueológico dos Açores José Luís Neto, Carlos Luís Cruz e Pedro Parreira	77
O Risco das Políticas de Risco em Património Cultural - Proposta STORM para uma nova abordagem Filipa Neto, Sofia Pereira, Isabel Inácio, João Almeida Filipe	95
Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal) Leonor Rocha, Jorge de Oliveira, André Carneiro e Carmen Balesteros	113
Ecclesia Sanctae Marinae de Cortegaza (Cortegaça, Ovar). Um contributo na Arqueologia de Salvaguarda Gabriel Pereira, Gustavo Santos e Mauro Correia	153
E quando as fábricas fecham? Reflexões sobre a salvaguarda do património arqueológico-industrial na cidade de Portalegre Susana Pacheco	183
A geofísica e salvaguarda do património arqueológico em meio rural. Vantagens e quando utilizar: o caso dos recintos de fossos António Valera e Tiago do Pereiro	203
A salvaguarda arqueológica: teoria e prática na Região Centro Gertrudes Branco	217
Salvaguarda arqueológica em Monforte: Percurso e estratégias de intervenção (Monforte, Portalegre, Portugal) Paula Morgado	251

Oliveira de Azeméis: Gestão de uma Carta de Salvaguardas Patrimoniais e de um projeto de investigação sobre a ocupação do território (POVOAZ Adrian de Maan e João Tiago Tavares	295
A gestão de espólios arqueológicos no Algarve. Reflexão sobre o seu propósito na actividade arqueológica de salvaguarda Grupo de Arqueologia da Rede de Museus do Algarve	321
A Antropologia Biológica nos Açores: gestão e estudo das suas coleções osteológicas José Luís Neto, Joana Camacho e Pedro Parreira	331
Mosteiro de São Bento de Avis: da intervenção preventiva ao programa de estudo e valorização de fracção monástica Ana Cristina Ribeiro	355
Acompanhamento: o <i>Cadavre Exquis</i> da prática arqueológica (portuguesa) Gabriel Pereira, Mauro Correia e Gustavo Santos	385
Resultados preliminares do acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas Ana Cristina Ribeiro	415
Minimizando impactos. Tavira Verde 2012/2014 Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco	447
Estratégias de recuperação e salvaguarda do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu, Portugal) após os incêndios florestais de outubro de 2017 Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho, Catarina Tente, Daniel de Melo Branco, Luís André Pereira, Pedro Sobral de Carvalho e Tiago Ramos	461
Balanço dos Incêndios de 2017: Região de Lisboa e Vale do Tejo Filipa Bragança, Gertrudes Zambujo e Sandra Lourenço	477

ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO DE VOUZELA (VISEU, PORTUGAL) APÓS OS INCÊNDIOS FLORESTAIS DE OUTUBRO DE 2017

Manuel Luís Real ⁽¹⁾
António Faustino Carvalho ⁽²⁾
Catarina Tente ⁽³⁾
Daniel de Melo Branco ⁽⁴⁾
Luís André Pereira ⁽⁵⁾
Pedro Sobral de Carvalho ⁽⁶⁾
Tiago Ramos ⁽⁷⁾

Resumo

O projeto de investigação do património histórico-arqueológico de Vouzela (2016-2019) previa a prospeção do território, apesar de a densa cobertura florestal limitar severamente a sua realização. Porém, os trágicos incêndios de 15 de outubro de 2017 permitiram a abordagem extensiva das áreas ardidas (73% do território), o que resultou num aumento exponencial do número de registos em todas as categorias. Em termos da sua salvaguarda, implementaram-se medidas integradas no terreno (sinalização de sítios, contactos com proprietários, acompanhamento e fiscalização de trabalhos silvícolas, definição de áreas de não reflorestação, e ações de divulgação e sensibilização junto das populações locais) e em gabinete (inventário sistemático de ocorrências e definição de áreas de proteção georreferenciadas).

¹ CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" / Universidade do Porto; IEM - Instituto de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa. E-mail: manuelluisreal@gmail.com

² CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património / Universidade do Algarve / E-mail: afcarva@ualg.pt / Autor para correspondência.

³ IEM - Instituto de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa / E-mail: catarina.tente@gmail.com

⁴ Câmara Municipal de Vouzela / E-mail: dmelobranco@gmail.com

⁵ Câmara Municipal de Vouzela / E-mail: saturno_lp@live.com.pt

⁶ EON - Indústrias Criativas, Lda. / E-mail: pedrosobraldecarvalho@eonic.pt

⁷ IEM - Instituto de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa / E-mail: tiagopinheiroramos@gmail.com

Palavras-chave: Património histórico-arqueológico; Vouzela; incêndios florestais; salvaguarda.

Abstract:

The research project on the historical-archaeological heritage of Vouzela (2016-2019) aimed at the survey of the territory, although this was severely limited by the dense forest cover. However, the tragic forest fires of October 15th 2017 allowed a more extensive approach to the burnt areas (73% of the territory) to be carried out. This resulted in an exponential increase in the number of sites in all categories. In terms of safeguarding, integrated measures have been implemented both in the field (site signalling, contacts with owners, monitoring and surveillance of forestry works, definition of non-reforestation areas, outreach and awareness-raising actions among local populations) and in the municipality's services (systematic inventories and definition of georeferenced protection areas).

Key-words: Historical-archaeological heritage; Vouzela; forest fires; safeguard.

1. Introdução: o projeto de investigação “Lafões”

A região histórica de Lafões, cuja origem remonta à Idade Média, ocupa o médio curso do Rio Vouga, encaixada entre o Maciço da Gralheira e a Serra do Caramulo. A coerência histórica, mais do que geográfica, deste território é visível no facto de se ter configurado como município até à reforma administrativa definida pelo Decreto de 6 de novembro de 1836. Com a reorganização territorial saída desta lei, o concelho de Lafões foi extinto e deu lugar aos atuais municípios de S. Pedro do Sul, Oliveira de Frades e Vouzela. O património histórico-arqueológico deste espaço é, assim, testemunho de um percurso histórico e de uma identidade regional singulares, tal como aliás foi desde cedo apontado pelo pioneiro destes estudos na região,

o geógrafo A. de Amorim Girão (1921).

É o estudo destes elementos que se tem vindo a realizar nos últimos anos no concelho de Vouzela, através de um projeto de investigação solicitado pela autarquia e inteiramente suportado pela mesma, o Projeto Lafões (Real *et al.*, 2017). O objetivo principal desse Projeto é, pois, a realização de estudos prévios conducentes à elaboração subsequente de um programa de valorização do conjunto do património histórico-arqueológico concelhio. Estes estudos, que decorrem desde 2016 e terminarão em 2019, abrangem a totalidade do território vouzelense e encontram-se estruturados em quatro eixos de investigação fundamentais — levantamento toponímico e documental, prospeção arqueológica, estudo de materiais de escavações arqueológicas antigas, e escavação de sítios selecionados para o efeito — que produzirão os conhecimentos científicos necessários. Como resultado final, obter-se-ão não apenas as bases programáticas do referido projeto de valorização (que se constitui, portanto, como o seu maior *output*), mas também um inventário detalhado do património vouzelense, permitindo a atualização e aprofundamento da carta arqueológica já existente com dados inéditos e outros que se encontram por ora dispersos.

O presente trabalho apresenta as opções metodológicas subjacentes aos trabalhos de prospeção arqueológica (as inicialmente previstas e as que visaram a sua adaptação à realidade de terreno resultante dos incêndios florestais de 2017), uma síntese dos resultados obtidos até ao momento com estes trabalhos, e as medidas de proteção implementadas na sequência daqueles incêndios.

2. O impacto do incêndio de outubro de 2017 nos trabalhos de prospeção arqueológica: estratégias e primeiros resultados

Como referido acima, o Projeto Lafões visa principalmente a sistematização da informação histórico-arqueológica do concelho de

Vouzela e a obtenção de novos dados que permitam colmatar algumas das lacunas de conhecimento mais salientes. Entre os diversos eixos estruturantes do Projeto, que se constituem como os objetivos principais do mesmo, previa-se a realização de ações de prospeção arqueológica direcionada para pontos-chave do território (ver acima), fosse pelas suas características geomorfológicas, fosse pela existência de outros indicadores da potencial presença de vestígios do seu passado. O recurso a elementos toponímicos contidos na documentação escrita ou a informações orais recolhidas em entrevistas às populações locais são os melhores exemplos destes indicadores.

Esta opção de se proceder preferencialmente a prospeção orientada derivava, em grande medida, da própria configuração do território lafonense e, em particular, do espaço pertencente a Vouzela. Com efeito, este município ocupa os setores norte e noroeste da Serra do Caramulo, onde se desenvolvem cumeadas e plataformas graníticas elevadas (os “granitos de Lafões”), que atingem cerca de 1050 m acima do nível do mar, rodeadas por extensas vertentes, por vezes muito abruptas nos flancos virados para os planaltos centrais da Beira Alta. Portanto, os vales adjacentes, correspondentes ao médio curso do Vouga e seus tributários da margem esquerda, são frequentemente muito encaixados. Este quadro físico resulta, em suma, numa paisagem muito contrastante em orografia e altitude, e numa rede viária tradicional de configuração muito complexa. Porém, o principal obstáculo a uma prospeção de tipo extensivo era a densa cobertura vegetal, arbórea e sobretudo arbustiva, que caracterizava a região e impossibilitava a visualização do solo ou mesmo a própria progressão no terreno.

Assim, em 2016 e 2017 fizeram-se visitas de reconhecimento ao território e iniciaram-se, no segundo daqueles anos, as ações de prospeção sistemática seguindo os princípios metodológicos referidos acima. Deste modo, até final do Verão de 2017, a prospeção arqueológica havia sido dirigida para a relocalização de sítios já

referenciados na bibliografia, verificação de elementos obtidos através da toponímia e informações orais, e avaliação das condições de conservação que os sítios arqueológicos assim (re)visitados apresentavam. Esta estratégia tinha, ainda assim, permitido elencar um número significativo de sítios inéditos ou até então deficientemente assinalados.

Porém, o devastador incêndio de 15 de outubro de 2017, não só consumiu cerca de 85% da área florestal e mais de 70% do território do concelho (Fig. 1), como atingiu algumas infraestruturas de sinalização de elementos do património já objeto de ações de valorização anteriores (Fig. 2). Por outro lado, a eliminação das giestas e do mato rasteiro permitiu a obtenção de condições de visibilidade do solo verdadeiramente excecionais e seguramente únicas em todo o historial de investigação arqueológica na região (Fig. 3).

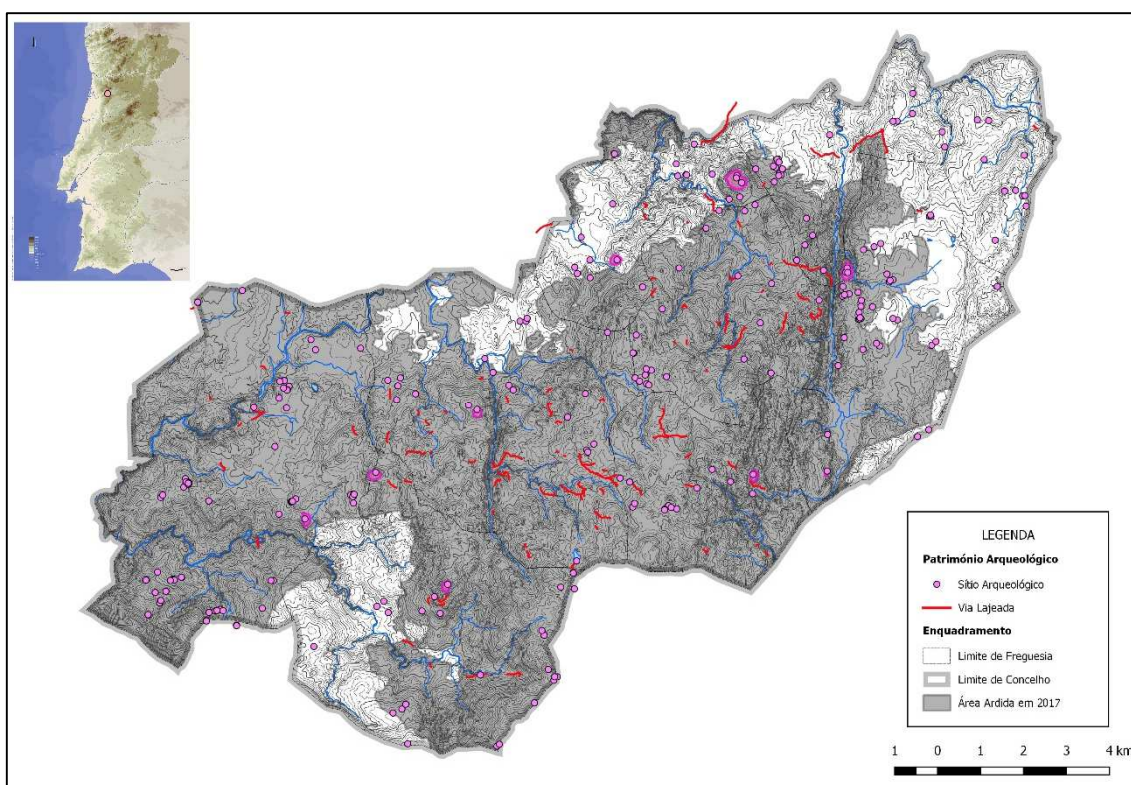


Figura 1. Mapa do município de Vouzela com indicação da área ardida em 2017 e da dispersão das ocorrências arqueológicas (dados de março de 2019).



Figura 2. Impacto dos incêndios de 2017 sobre infraestruturas de apoio aos elementos de património arqueológico, neste caso da anta da Lapa da Meruje.



Figura 3. Aspeto da área envolvente da anta da Lapa da Meruje antes (julho de 2016) e após (janeiro de 2018) os incêndios de outubro de 2017.

Estas novas condições de prospeção permitiram muito rapidamente o aumento exponencial do número de sítios inéditos. Por exemplo, o reconhecimento de monumentos tumulares pré e proto-históricos, alguns deles de evidência muito ténue no terreno, ganhou condições de visibilidade ímpares (Carvalho e Carvalho, 2018), o mesmo podendo ser dito a respeito, por exemplo, do reconhecimento de caminhos vicinais ou outras estruturas agrárias tradicionais até aqui camufladas pela vegetação. Nalguns casos em que já estávamos em busca de sítios arqueológicos e que foram visitados sem o mínimo sucesso, atendendo à mata impenetrável que os cobria, foi agora possível encontrar estruturas testemunhais daquilo que se procurava.

Esta inversão nas estratégias e na metodologia de prospeção, agora de tipo extensivo e aplicada a todo o território e não apenas direcionada em função de critérios apriorísticos, foi tomada imediatamente após os incêndios e passou também pelo aumento do número de investigadores da equipa. Este aumento visou aumentar a nossa capacidade de resposta a três níveis: a realização de trabalho de campo de forma continuada; a consignação a esta ação de um maior volume de tempo; e o desdobramento da equipa de prospeção em duas vertentes (uma para o reconhecimento de realidades pré-históricas e outra para épocas históricas).

A celeridade com que o coberto vegetal se começou a regenerar e a quase imediata movimentação de máquinas, para corte de árvores e replantação florestal, muitas vezes fora de controlo, viriam a dar razão à estratégia seguida.

Há que referir, porém, que uma parte do concelho se apresentava já com o subsolo extremamente revolvido, devido à intensa pesquisa de volfrâmio de que foi alvo ao longo de quase uma centúria. Tal circunstância conduziu ao revolvimento de inúmeros sítios arqueológicos, dos quais apenas hoje restam a memória ou poucas evidências. Com a mecanização da agricultura e, sobretudo, com a entrada de potentes máquinas de arrasto na gestão da floresta, as

destruições têm prosseguido, o que está a causar grande alarme à autarquia, que se vê impotente perante a descoordenação que existe entre as várias entidades que têm por missão o ordenamento do território, a inspeção da floresta, a manutenção dos caminhos vicinais e a defesa do património.

Está presentemente em curso de elaboração o balanço dos dados quantitativos resultantes dos trabalhos de prospeção de 2017 e 2018 por categoria de sítio, uma vez que a própria prospeção tem contribuído para o reconhecimento de ocorrências até agora inéditas na área de Vouzela, ou das quais não se havia feito registo sistemático. Entre a primeira situação contam-se locais de ocupação pré-histórica, de que é exemplo a Casa dos Mouros do Vale da Redonda (freguesia de Queirã), uma gruta-abrigo que, sondada em 2017, revelou vestígios da sua utilização temporária no período neolítico. O mesmo pode ser dito no respeitante à Proto-História, período para o qual se conheciam já importantes povoados fortificados (Girão, 1921; Marques, 1999). Os recentes trabalhos de prospeção permitiram verificar que locais abertos — isto é, aparentemente sem estruturas defensivas de qualquer tipo — também existiram neste período e cuja correlação com aqueles povoados deverá ser estudada no futuro. Um tipo de estrutura de que não se dispunha de registo sistemático, conquanto abundante na área, eram as calçadas (por exemplo, note-se que estão ausentes da base de dados Endovélico). Porém, hoje conta-se com um número total de 81 ocorrências correspondentes a troços de calçadas de diversas cronologias, alguns remontando mesmo à época romana.

Porém, os resultados mais espetaculares, permitidos pela libertação dos solos de toda a vegetação rasteira, tiveram a ver com as tumulações pré e proto-históricas — isto é, estruturas de tipo mamoa — que se apresentam, a maior parte das vezes, de reduzida expressão topográfica e praticamente soterradas pelos sedimentos envolventes. Com efeito, na base de dados Endovélico, em vários estudos de impacte ambiental e na abundante bibliografia arqueológica

sobre o tema (p. ex., Girão, 1921; Leisner, 1998), podia-se contabilizar, à data de início dos nossos trabalhos, 44 ocorrências singulares (por vezes aglomeradas em necrópoles constituídas por duas ou mais mamoadas). Os trabalhos levados a cabo após os incêndios permitiram relocalizar alguns monumentos que se julgava desaparecidos e identificar o impressionante número de 77 mamoadas inéditas, correspondendo esta cifra a 64% dos exemplares hoje registados e significando, portanto, um aumento para mais do dobro do inventário disponível antes do arranque do Projeto (Carvalho e Carvalho, 2018).

3. Medidas de salvaguarda

Para além do inventário sistemático de sítios e de achados arqueológicos (tanto nos competentes serviços da autarquia como junto da tutela através dos relatórios anuais de progresso do Projeto), foi também colocado em prática um conjunto alargado de formas de proteção das ocorrências que se têm vindo a identificar e registar. Assim, a definição de áreas de proteção georreferenciadas para gestão e planeamento territorial por parte dos serviços municipais foi, sempre que se revelava pertinente a outros níveis, acompanhada de um leque de medidas adicionais, que poderão ser descritas como segue.

- Sinalização de sítios arqueológicos através de faixa sinalizadora com o logotipo da Câmara Municipal de Vouzela (Fig. 4). Muito em particular, esta sinalização visa impedir o atravessamento de maquinaria pesada, usada em trabalhos de silvicultura, por áreas onde a preservação de vestígios arqueológicos, designadamente aqueles menos visíveis, poderia ser ameaçada por estas atividades.

- Contacto com os proprietários ou usufrutuários dos terrenos onde se localizem os sítios. Esta medida visa muito diretamente o alerta prévio dos proprietários acerca dos bens

patrimoniais efetivamente existentes nos seus terrenos, por forma a consciencializá-los acerca das medidas que deverão adotar para evitar a sua destruição ou dano.

- Acompanhamento/fiscalização dos trabalhos de abate de árvores e de abertura de estradões de acesso aos terrenos. Este objetivo é levado a cabo não apenas pela equipa camarária que colabora com o Projeto, mas também pelos respetivos fiscais do município. Como se pode imaginar, esta ação, que deve ser seguida indefinidamente, foi no entanto particularmente vital nos meses que se seguiram ao incêndio, uma vez que os trabalhos de recolha da madeira queimada e a reflorestação de algumas parcelas ardidas tiveram início quase imediatamente.

- Definição das áreas de não reflorestação para os sítios arqueológicos mais suscetíveis de destruição em caso de alteração do subsolo.

- Ações de divulgação e sensibilização do património inventariado junto das populações locais, próximas dos sítios arqueológicos. O objetivo desta medida é a chamada de atenção acerca da presença destes locais de interesse patrimonial, a qual contou com a intervenção dos presidentes de juntas de freguesia e, por vezes também, com a presença do próprio presidente da câmara. Cremos ser esta uma das medidas mais eficazes para a preservação das ocorrências arqueológicas detetadas, ainda que se deva reconhecer que o abandono progressivo de algumas das áreas mais interiores do município dificulte de alguma forma o seu impacto positivo. Deve referir-se que a sensibilização das populações locais se têm vindo a materializar também em ações de caráter mais pontual. São exemplo a mobilização de voluntários para a limpeza da via romana entre as Caldas de Lafões e Vouzela, que teve lugar a 17 de novembro de 2018 (Fig. 5).

- Ações de divulgação no meio científico. Paralelamente às ações especificamente voltadas para a população do concelho e outros

agentes locais, tem-se procedido igualmente à divulgação dos resultados do Projeto junto da comunidade científica. Até ao momento, e para além da presença neste encontro científico, foram já apresentadas comunicações ao “II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses”, realizado em Lisboa em novembro de 2017 (Real *et al.*, 2017), e ao congresso internacional “De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular”, que ocorreu em Nelas em novembro de 2018 (Carvalho, 2018; Carvalho e Carvalho, 2018; Carvalho *et al.*, 2018).



Figura 4. Modelo de cartaz sinalizador da presença de património arqueológico em áreas ardidas.



Figura 5. Imagem dos trabalhos voluntários de limpeza da calçada romana entre Valgode e Caldas de Lafões (17 de novembro de 2018).

4. Conclusões e perspectivas de futuro

À data de redação do presente texto, continuam em curso, e prevê-se que prossigam, todas as ações acima enumeradas. Porém, um duplo aspeto estrutural, em termos de disponibilização de meios humanos e materiais para o desempenho adequado de todo este conjunto de ações, será a criação formal a breve trecho de um corpo técnico no quadro permanente do município para assegurar o acompanhamento daquelas medidas, e a adaptação de um grande armazém camarário para centro de recursos do património histórico-arqueológico de Vouzela, onde será instalado um Gabinete de Arqueologia com espaços próprios para armazenamento de materiais e seu tratamento.

No quadro destas medidas internas por parte do Município de Vouzela, irá promover-se também a realização das “I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões”, calendarizadas para novembro do

presente ano, e onde se procurará reunir os investigadores participantes deste Projeto e outros que, trabalhando presentemente na região, poderão aportar contribuições relevantes para o conhecimento das realidades locais. A publicação de uma versão atualizada e desenvolvida da Carta Arqueológica de Vouzela, que se prevê para 2020, fornecerá uma base de dados incontornável para a valorização e proteção do património histórico-arqueológico vouzelense, seja por parte do próprio município, seja por terceiros.

Uma vertente menos formal daquele conjunto de ações foi o contacto com a população local. Esta ação em particular gerou um “passa-a-palavra” que começa a manifestar-se numa tendência inversa à que tinha vindo a ter lugar: é agora a população local que aborda os membros do Projeto e os técnicos camarários com indicações de possíveis vestígios arqueológicos. Crê-se que este movimento, que representa um salto qualitativo importante na consciencialização das populações locais, possa ganhar maior fôlego com a realização futura de ações e atividades com a comunidade infanto-juvenil focando o património local e a sua proteção, envolvendo os técnicos municipais, serviços educativos e a comunidade escolar. Do mesmo modo, a visita do Presidente da República, conquanto a propósito do reordenamento florestal do município (Fig. 6), serviu também para a sensibilização tanto do património natural como cultural, que devem ser abordados conjuntamente.



Figura 6. Visita do Presidente da República (ao centro da imagem, acompanhado do Presidente do Município de Vouzela) e do Ministro do Planeamento e das Infraestruturas (à direita da imagem) para sensibilização sobre o reordenamento florestal (16 de outubro de 2018).

Espera-se que o programa de valorização de conjunto do património histórico-arqueológico concelhio, que se tenciona levar a cabo após o termo do presente Projeto, possa constituir-se como a materialização definitiva de todas estas ambições.

Nota final

No contexto da estratégia colocada no terreno para responder adequada e rapidamente ao rastreio e defesa do património histórico-arqueológico municipal deve ser salientado a sensibilidade e o invulgar empenho do Presidente do Município de Vouzela, o Sr. Eng.º Rui Ladeira, sem o qual não teria sido possível obter o necessário apoio logístico e operacionalizar o conjunto de medidas tomadas.

Referências

- CARVALHO, António Faustino (2018) - Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C; DINIZ, M; CARVALHO, A. F., eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 201-216.
- CARVALHO, António Faustino; PEREIRA, Telmo; GIBAJA, Juan Francisco (2018) - Proveniências e utilização do sílex no megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmens da Lapa da Meruje e de Antelas. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C; DINIZ, M; CARVALHO, A. F., eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 217-232.
- CARVALHO, Pedro Sobral de; CARVALHO, António Faustino (2018) - Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto *case-study*. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C; DINIZ, M; CARVALHO, A. F., eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 37-50.
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1921) - *Antiguidades pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- LEISNER, Vera (1998) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Die Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MARQUES, Jorge Adolfo M. (1999) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- REAL, Manuel Luís; CARVALHO, António Faustino; TENTE, Catarina (2017) - Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados. *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017: Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 113-123.

